

O Espozendense

ANO XXXV

ESPOZENDE, 14 DE ABRIL DE 1928

NUMERO 1:036

Semanao republicano, independente defensor dos interesses deste concelho

Director, administrador e proprietario—José da Silva Vieira

Editor—Julio de J. Giesteira Lima

Composição e impressão—Typ. Espozendense—Espozende

ASSIGNATURA

Ano, sem estampilha \$ 100 rs.—Numero avulso 200 rs.—Com
estampilha e para fóra 10\$000 rs.—Brasil, (Moeda forte), 30\$000 rs.
Pagamento adiantado. Redacção e administração—Rua Veiga Beirão, 7 a 9—Espozende.

ANUNCIOS

Judiciaes: linha ou esp. de linha 1\$00 esc.—Comun. ou re-
clames, linha 5 c. Imposto do sello, cada publicação 15 c.—Anuncios
particulares: linha 70 c. Reclames e obras literarias med. um exemp. Não se restituem originaes.Este n.º foi visado pelo snr. Administrador
do Concelho.

Bombeiros Voluntarios de Espozende

Uma festa civica—Missa e allocução pelo snr. arcepreste na igreja matriz—Romagem ao cemiterio—Um jantar intimo—Outras Notas.

Na segunda-feira, 19 de março, passou-se o decimo segundo aniversario da A. H. B. dos Bombeiros Voluntarios de Espozende.

Esta Associação, a quem o nosso director emprestou toda a sua dedicação, nasceu por assim dizer d'esta redacção, pois d'aqui sahio a sua 1.ª bomba, a quem o velho Ricardo, tambem deu o maior do seu esforço e da sua dedicação.

Não tem sido ela, como muitas outras suas congeneres, bafejada pela sorte e pelo carinho dos filhos desta terra, e, o que tem é devido á dedicação de devotos amigos de Espozende, e alguns esforçados espozendenses, que não a tem elevado ao pincaro da grandeza, porque a tanto não tem deixado as suas posses.

Como tudo, tem tido as suas fazes.

Rachiticamente nascida, foise erguendo e prosperando pelo bafejo d'aqueles que veem n'essa Associação, nada mais que uma casa de caridade, a espalhar o bem por toda a parte.

Esta agremiação, composta d'um nucleo de Soldados abnegados, que coginaram da Paz, são aqueles a quem os nossos olhos acompanhou pelo desprendimento da vida pela vida, do bem estar pelo bem alheio.

Como dissemos, tem sido essa sociedade beneficente olhada com um certo descaso, mas nas mãos rigidias da direcção em que se encontra, temos fé que em breves dias caminhará firmemente, tal qual as outras, elevando e engrandecendo o nome de Espozende.

Apoz um adormecimento ou uma debacle vem quasi sempre um acordar, um resurgimento.

Eis a razão, mais do que suficiente para acreditar-nos nas palavras que o nosso amigo, redactor deste semanario Armindo Eiras, disse, ao falar aos rapazes dessa corporação, em nome do seu 1.º comandante Artur Boaventura Rego.

—«Que sendo aquela missão um Sacramento de vontade, acreditava na vontade inexgotavel de todos os seus componentes, para exaltar com vigoridade e enriquecer aquela agremiação, desagravando-a dos desdens e menospresos, desmentindo ainda todos aqueles que diziam que em Espozende não há gente que saiba compreender, a grandeza da obra maravilhosa que se chama Bombeiros».—

Fazendo ainda o orador, seus, os sentimentos do seu 1.º comandante, fez votos para que todos, não esmorecessem um só momento em cooperar por essa Associação, que tanto glorifica aqueles, que dando-lhe o seu amor a trazem no coração.»

Exaltou ainda a dedicação dos seus comandantes Artur Rego e Eduardo Ferreira, fazendo votos para que jamais percam todo esse affecto.

Toda essa festa, que foi intima, entre associados e praças e alguns amigos, correu na melhor cordialidade, assim como foi digna de registar a romagem ao cemiterio, onde depositaram flores, nas campas dos socios e praças dessa associação.

Foram feitos apelos aos espozendenses mais abastados para que se lembrem da nossa humanitaria associação, e outro tanto a todos aqueles que longe vivem, para que não deixem esquecer essa casa—que é de todos os espozendenses.

O sr. Artur Rego, quem não pode faltar dedicação, fez exaltar a abnegação do seu auxiliar 2.º comandante Eduardo Ferreira, e ainda de todos os mais, apelando ainda para o bairro no de todos, para que deem braços ás armas feito, em prol do seu progresso e desenvolvimento.

Finalizando, diremos, que a festa transcorreu animada, com dansas e descantes até alta noite.

V. NETO

N. R.

Este artigo que já se encontra escrito desde quando se realisou a festa de homenagem aos

Bombeiros, deixou de ser publicada, devido ao grande numero de originaes que se encontra nesta redacção.

Publicamo-lo hoje, e de nossa parte, fazemos votos, que com grande amor e dedicação, este dia se repita, sempre rodeado de uma grande prosperidade e da boa vontade dos bons espozendenses.

LITTERATURA

MINHO

Todo o Minho,—A minh'Aldeia,
Tem encantos... tem frescor,
—Por serões de Lua-Cheia,
A' luz do Sol Creador!...

Quanta Fé, nele se enleia,
Quanta Graça,—quanto Amôr!
—Quanta Bondade incendeia
Os olhos do lavrador!

Terra Bem-dita e Sagrada
Aquela,—(por si lavrada)
D'onde o pão há de brotar!

Todo o Minho,—a minh'Aldeia,
Por serões de Lua-Cheia,
Lembra uma Noiva... a noivar!!!

Albino Bastos

MORS

(Ao Ex.º Sr. P.º Chaves)

Ela o monstro feroz, negra caveira
Que anda a ceifar vidas sem cessar,
—Dôr pungente por onde ella passar,
Espetral e funebre ceifeira!—

Cruzou as tibias. Em muda pasmeceira
As órbitas vazias a olhar!
Rançou os dentes e lá se foi a uivar
De fouce em punho—a sua companheira!

E não me quiz. Me disse em tom banal
Dama vóz lobrega e glacial
Que me fiz retesar num calafrio!

Espera! Eu volto... eu volto! Espera! Espera
E numa gargalhada, o monstro, a fera,
Voltou a espinha funebre e saiu!

1928.

A. V.

FOLHETIM MIGALHAS DE AMOR

(Continuação do do numero anterior)

A aventura, n'uma especie de loucura, tinha-lhe levado para bem longe o pae, que ella não conhecera deixando o coração de sua mãe a morar fora do peito, pois elle, ao partir, partira-lho ao meio, levando-lhe metade. Ella, que via apagar-se dia a dia a luz viva dos olhos de sua mãe amantissima, queria dar-lhe, o que lhe faltava.— Alma de amor, alma de bem, cantava sempre e sempre rial... Alma d'aquella casa e daquella aldeia, irmã das aves, sombra e luz d'aquellas espiritos, voadeira como pombas, amovavel como rolas, fresca como o orvalho, util como o pão,— trabalhava sempre, e sempre procurava consolar os afflitos, dar linitivo aos timidos, aliviando o sofrer alheio.

Com os rapazes que lhe diri-

FLORES DO MEU JARDIM

Pascoa

Salvé, oh! santissima manã de luz;
Tudo são lirios e festões de amores,
Entre carmes e divinaes alvoes,
Ainda alvejas, oh! sacrossanra cruz.

Desde o calvario em teus braços reluz,
Gloria p'ra aquêle que só tinha dores,
Da nobreza ris'e, e, com teus fulgores,
Venceste ambição que a todos seduz.

Hoje te impões á natureza filha
Daquêle, que nossa sina conduz
E, que festejamos—Páscoa florida.

Em curvar reverente tenho juz;
Ah!... Ele é a verdade, a justiça, a vida,
O seu nome bendito é o de Jesus.

Canteiro de Boninas

Abril de 1928

Nuno Vaz de St.ª Maria

NOTICIARIO

Itinerantes

Em visita á sua illustre familia e ainda a passar as festas da Pascoa, estiveram nesta vila, o Tenente-coronel de artilheria Augusto Gonçalves Pereira de Barros e familia, e major Carlos Barros, muito illustre governador civil em Viana do Castelo e familia.

Estes senhores são irmãos do snr. Dr. João de Barros, Administrador do Concelho e medico municipal em Fão, e genro da virtuosa senhora D. Amelia Barros Lima.

Tambem vimos em visita á sua familia, o Tenente Alberto Torres, genro do capitalista Alberto de Faria, que aqui veio com a sua esposa passar as festas da Pascoa.

giam gracejos, gracejava tambem e, se via algum querer expandir-se mais do que ella entendia que devia, dava-lhe para traz, sempre com arte e geito, pois não há memoria de ter um dia melindrado alguém.

Num serão, dos muitos que se faziam em sua casa—um rapaz, que por signal era um estudante que estava a ferias, dirigiu-lhe mais uma vez o constante juramento, desfiando madrigaes floridos de imagens evangelicas e figuras mitologicas, suficientes para fazerem trepitar o cerebro a uma mulher que não fosse da sua tempera.

—Dizia um dia o estudante, nas suas juras de amor:—

—Leonor!... Não me deixes sofrer mais. Teus olhos fascinam-me. Tu és a minha vida. Depende de ti a minha felicidade. Vá. Tu sabes perfeitamente que o meu coração te pertence, e aquilo que elle encerra desde o dia em que te vi, que se

Acompanhado de sua esposa e filha, vimos tambem entre nós, o nosso particular amigo sr. Filipe Bandeira, o illustre cinzelador da Ourivesaria Portuguesa, cujos trabalhos tem conquistado honrosos premios, como ainda ultimamente na Exposição Internacional no Rio de Janeiro, por intermedio da Ourivesaria Aliança, uma das mais afamadas, se não a mais afamada do paiz.

Filipe Bandeira que tanto tem de bom como de artista, não deixa perder a oportunidade de vir até nós, para ver os seus amigos e a sua terra que idolatra.

Nós que no turbilhão dos nossos passeios não o podemos abraçar, enviamos d'aqui um sincero abraço:

Hora de verão

O governo determinou que os relógios fossem adiantados 60 minutos ás 11 horas da noite de 14 do corrente mez.

CARTAS ANONYMAS

Um titular, em França escreveu cartas anonymas, não sabemos a quem, visto o jornal de onde respigamos esta nota não o dizer. Os sr.s. sabem o que lhe succedeu, quando descoberto o auctor de tal epistolografia?

Nem mais nem menos do que cumprir a pena de 18 mezes de prisão e cem mil francos de multa.

Ora se n'este lindo Portugal se podesse lançar tal rede, quantos auctores de cartas anonymas não cahiriam!... Se este é o paiz da carta anonyma...

Até aqui, n'esta pequeno torráo minhoto, há quem faça uso de tão vilipendiosa arma, indo depois *contractamente* e parecendo querer metter no coração a pessoa que recebeu a epistola de si mesmo enviada, asseverando que o seu auctor é A ou B

chama «Amor», todo elle é teu. Eu quero-te como á luz dos meus olhos! Amo te com o fervor que se pode amar as coisas sublimes!...

Adoro-te com a mesma veneração que se adora uma santa!... De noite, sinto elevar-se-me o espirito, e em sonhos, vejo te entre archanjos, entre nynthas, entre deusas, sempre linda e encantadora, sempre bela e seductora!... Sempre a tua imagem, entre tantas a prender-me a elevar-me, a arrastar-me á tentação!... E que é isto, Leonor? E' o Amor, é o Amor! E' o fogo d'uma paixão que me devora, a paixão incontida que não sei como começou nem tão pouco como terminará. Por isso, tu que tens sido consoladora de tanta alma sotredora, a estrela d'Alva que tantos guias, a arca de aliança que todos procuram, ouve o meu brado!... Escuta-me... peço-te pouco, muito pouco... peço-te que me ames. E' de joelhos que te imploro nesse bem, que me dando uma paz eterna, salvarás um ente que ficará para sempre perdido se lhe deres o não. (Continúa)

Armando Eiras.

Cartas anonymas, quem as escreve denota maus sentimentos, maus instinctos e degradante promiscuidade com o que possa haver de mais baixo na esphera social.

Mas isto é mal que nunca mais acaba. Se até se falla em beatas que se servem do papeliinho anonymo para accusar o padre que não lhes anda ao geitoll...

HA DE TUDO NA HAVANEZA

Outro dia á namorada,
Dizia o Artur Beleza:
Porque não vaes, apressada,
Comprar meias, á Havaneza?

Elle toda derretida
Lhe responde, com franqueza:
Há lá coisa mais bonita,
Que o comprar na Havaneza?

Tem variados perfumes,
Que cheirinhos, que lindeza!
Até tem caixas de lumes!
Há de tudo na Havaneza.

Elle é tanta a freguesia,
Que alli afluê, com prestesa,
Que elle é, de noite e de dia,
Tudo a correr p'rá Havaneza.

E o Artur, dolicodoce
Diz, contente a u na fregueza:
Ai quem me dera que fosse,
Tudo comprar á Havaneza.

Somos todos um amor,
Somos todos delicadeza;
Até perfumes *Bnamor*,
Temos aqui na Havaneza.

Com um abraço apertado
E bem apertado, á teza,
Berramos, bem animado:
Seja feliz a Havaneza.

Poeta Coxo

CURIOSIDADES DA NATUREZA

Como muita gente e principalmente os sabios astrologicos nos tenham dito em letras garrafaes, que o mundo vae acabar, eu que para mim, em nada disso acredito,—isto é,—vae acabando para cada um de nós, conforme nós vamos terminando, porque estamos aqui emprestados, e a vida, nada mais é que uma simples passagem pelo Planeta.

Vou, sem foros de historiador dar alguns dados de fenomenos metereologicos e de outra natureza, que se teem dado na nossa terra, sempre com o alarido de que o mundo acaba.

Terremotos em antes de Jesus Cristo no ano 370 e 377.

Depois de Cristo em 1009, 1117, 1146, 1290 e 1344, todos deixando tristes memorias.

Em 24 de Agosto de 1356, houve um tão formidavel que os damnos foram enormissimos e durou 45 minutos.

De 1 a 7 de Janeiro de 1531 houve varios todos de efeitoterriveis, sendo seguidos durante oito dias de outros menores.

Cessaram onze dias, para no dia 26, vir um mais formidavel do que nenhum, que destruiu de Lisboa ao Ribatejo.

Em 28 de Janeiro de 1551, em 1575, e em 27 de Julho de 1597, houve terremotostambem violentos, sendo este ultimo em Lisboa, como actualmente em Santos, no Monte Serrat e na Serra de Francão, pois dividiu o Monte de Santa Catarina em duas partes.

Em 22 de Julho de 1598, houve um tão violento que deitou por terra todas as pessoas que estavam de pé.

Em 27 de Outubro de 1699, em 12 de Outubro de 1742 foram d'uma intensidade nunca vista.

Em 1.º de Novembro, de 1755, foi tão grande, e tão violento e de consequencias tão funestas, que para reparar os seus efeitot celebrisou Marquez de Pombal.

Em 30 de Abril de 1561—10 e 17 de Janeiro de 1796—6 de Junho de 1807, onze de Novembro de 1858, tambem duma violencia indiscritivel. Em 7 de outubro de 1857 cujo sefeitos foram funestos para Lisboa, e outros que ainda são dos nossos dias.

Tempestades teem sido inumeras, mas citaremos por exemplo pelos seus efeitos a de 23 de fevereiro, de 1370, e ainda a mais memoravel de triste historia, em que a nacionalidade se vestiu de luto, foi a de 13 de Setembro de 1572.

Preparava-se D. Sebastião, não se sabe se para auxiliar Pio V na luta contra os turcos, se Henrique III de França contra os burgonotts, o que se sabe, é que se encontravam 40 navios de alto bordo com 10 mil combatentes e onde estava incorporada a mais luzida nobreza de Portugal Comandava-a o general D. Duarte, filho do infante do mesmo nome.

Umam foram a pique, outras se despedaçaram nesse dia.

Outra em 14 de outubro de 1384—que era tal o ribombar dos trovões e o fuzilar dos relampagos, que impossibilitou o mestre de Aviz—então defensor do Reino, de tomar Ceuta, recolhendo-se com os seu a Lisboa.

Em 18 de outubro de 1612 e 19 de novembro de 1724, foram tão fortes as tempestades que até edificios levava pelos ares.

Em 9 de dezembro de 1321, houve um terremoto em todo o mundo, trez vezes no dia e de cada vez com maior violencia, cujos efeitos foram lastimaveis, e como este tantos e tantos, que teem causado o fim do mundo, aqueles que finalizam as suas existencias.

Agora a proposito do fenomeno de Santos, no Brazil e do Trancão em Portugal, buscando dados estatisticos que os pudesse aquilatar, deparei com um caso, que assemelhando-se, vem tambem assemelhar-se com um outro fenomeno, que se deu ha dois anos no Rio de Janeiro, com o desmoronamento do morro de S. Carlos.

Pinho Leal, descrevendo a Submersão do monte de Santa Catarina, do monte Sinai, diz:

«A elevação do Alto de Santa Catarina, onde se vê hoje a igreja, corria na mesma altura até á margem do Tejo, e ali havia grande numero de casas que formavam trez das maiores e mais formosas ruas de Lisboa.

Pelas 11 horas da noite de 21 de julho de 1597, um homem que ninguem conheceu, em altos gritos, percorria as ruas dizendo:—*fujam todos que o monte vae-se subverter*».

A estas vozes os moradores sahiram em direcção ao norte e as trez ruas com 120 moradas submergiu.

Tambem ha dois anos, no Rio de Janeiro, estando ciando ás 11 horas da noite, no Restaurante Gaiato de Lisboa, o seu proprietario Manoel Pires, chamando o seu interessado Julio Peixoto, lhe dissera, que homem velho,—que ninguem viu—estivera a conversar afficto com ele junto ao balcão para que fosse buscar a familia donde morava, porque o morro ia desmoronar-se.

Saiu n'um automovel, e ali chegando, avisou a toda a população, trazendo a sua familia.

Muitos deram-lhe ouvidos, e como ele se retiraram, e os que assim não fizeram succumbiram, á 1 hora da madrugada, quando se deu a catastrophe.

Tudo isto me faz pensar, que a natureza tem os seus segredos, mas que ha um espirito, tão radiante, que olha por nós mas sem jamais demonstrar á sabedoria dos homens os qq do grande Misterio que é o mundo,

Armando Eiras.

O nosso jornal

Em virtude da retirada do director deste jornal para Lisboa, na ultima 3.ª feira, onde teve de se demorar, não foi possivel dar ingresso nas colunas do «Espozendense» a diversos artigos que estavam escriptos, taes como as demonstrações festivas de 9 de Abril, melhoramentos de Espozende, (serie de artigos), Casos ineditos, do nosso distincto colaborador Jofer, e ainda muitos escriptos em nosso poder que hoje são postos de parte por não haver tempo para a sua composição.

A todos os autores pedimos desculpa e prometemos dar publicidade em numeros subsequentes ao presente.